



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES

MARIANA CORTES DUTRA

AFETO OBRIGATÓRIO

Uberlândia – MG
2019

MARIANA CORTES DUTRA

AFETO OBRIGATÓRIO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Área de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto de Lima Bueno.

Uberlândia – MG
2019

MARIANA CORTES DUTRA

AFETO OBRIGATÓRIO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Área de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Data de aprovação: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Mattos Angerami

Prof. Ms. Clarissa Monteiro Borges

Prof. Dr. Alexander Gaiotto Miyoshi

Data de aprovação: 20 de Março de 2019.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Paulo, por transformar minha maneira de viver arte e me acompanhar na desafiadora jornada deste trabalho. À minha família, suporte eterno dos meus desejos e anseios.

Às mulheres maravilhosas conhecer nessa jornada: Bárbara, Gabriela, Silvia, Márcia, Clarissa e Leila, que me desconstruíram nas pequenas conversas e me fortaleceram sempre que preciso. Em especial, Tayná, a mulher que me encorajou a finalizar este trabalho. Obrigada, amiga!

Ao Ventopanas e todos os meus amigos, que fizeram a vida ser mais leve em momentos de loucura. Ao Bibi, que me acompanhou fielmente na estrada rumo a Floresta dos Lobos.

À Dora, Winnie e Heron que se dispuseram com tanta generosidade a me auxiliar na finalização, montagem e exposição desse trabalho.

Aos professores presentes na banca, Clarissa e Alex, vocês são exemplos que me alegro em ter por perto! Espero que as trocas continuem sempre. Angerami, coordenador que aceitou ser parte desta banca e possibilitou que o fechamento desse ciclo acontecesse.

À arte. À vida.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	1
Figura 2	1
Figura 3	2
Figura 4	2
Figura 5	2
Figura 6	3
Figura 7	3
Figura 8	3
Figura 9	4
Figura 10	4
Figura 11	4
Figura 12	4
Figura 13	4
Figura 14	4
Figura 15	4
Figura 16	4
Figura 17	4
Figura 18: Rape Scene	7
Figura 19: Silueta Series	8
Figura 20: Silueta Series	8
Figura 21: Silueta Series	8
Figura 22: Meninas	9
Figura 23: Meninas	9
Figura 24: Meninas	9
Figura 25: Nuas	10
Figura 26: Nuas	10
Figura 27: Nuas	10
Figura 28	11
Figura 29	12

Figura 30	12
Figura 31	12
Figura 32	12
Figura 33	13
Figura 34	13
Figura 35	14
Figura 36	14
Figura 37	14
Figura 38	14
Figura 39	15
Figura 40	15
Figura 41	16
Figura 42	16
Figura 43	16
Figura 44	18
Figura 45	19
Figura 46	20
Figura 47	21
Figura 48	22
Figura 49	23
Figura 50	24
Figura 51	25
Figura 52	26
Figura 53	27
Figura 54	28
Figura 55	29
Figura 56	30
Figura 57	31
Figura 58	32

SUMÁRIO

1 O MEMORIAL.....	1
1.1 (re)VISITAR.....	1
1.2 PER(curso)	2
1.3 RE(velar)	3
1.4 RE(conhecer)	5
2 O MEIO, AS MARCAS E O CARTÓGRAFO.....	5
2.1 ANA MENDIETA.....	7
2.2 CRISTINA SALGADO.....	9
3 DO PROCESSO À EXPOSIÇÃO.....	10
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
5 EXPOSIÇÃO “AFETO OBRIGATÓRIO”	18

O MEMORIAL

Este Trabalho de Conclusão de Curso se apresenta no modelo memorial e busca investigar e expor o processo de criação, que se deu meio a orientações e ateliês e resultaram na exposição “Afeto Obrigatório”. Estas orientações sempre se nortearam através da intenção de uma conexão com o sensível antes mesmo de levar ideias ao inteligível, um processo passível a mudanças de itinerário, suscetível ao acaso e atento ao que meu corpo viria a convocar.

As referências artísticas e teóricas do trabalho surgiram a partir de necessidades encontradas ao longo deste trajeto, uma busca que se conectou por meio de atravessamentos e encontros que geraram potências à criação imagética do TCC.

No processo, tive a oportunidade de perceber mais claramente meu percurso de produções ao longo do curso e notar onde se residiam as potências de meu trabalho.

1.1 (re)VISITAR

Na busca de reviver estas produções e compartilhar as mais importantes, entendi a necessidade de retroceder ao meu ingresso na Universidade para que pudesse, então, selecionar estes trabalhos que, ainda hoje, se ressignificam e agem como marcas vivas.

A arte é uma estratégia de sobrevivência para qualquer pessoa esquecida. Eu acredito que ela sempre criou uma plataforma de expressão quando a cultura para além do indivíduo não está ouvindo sua voz ou não está criando representações de pessoas como ela. (Produzir Arte) Foi como uma estratégia de sobrevivência para mim em tenra idade para me ver de forma diferente, e para me ver fora das amarras da minha realidade corporal. (DRUCKER, 2016)

Figuras 1, 2, 3, 4





Sem título. 2017. Fotografia Digital. 30x40.

Fonte: Acervo pessoal.

Essa foi a primeira vez que me expressei, em 2015 – sem mesmo me dar conta – através do autorretrato. Ainda não havia ingressado o curso de artes visuais, sequer tinha certeza sobre cursá-lo e muito menos entendia o quanto essas imagens eram importantes. Elas surgiram a partir da necessidade de dar forma a uma marca que me assombrava muito na época e que, ainda hoje, se ressignifica ao longo do tempo em meus trabalhos, assim, ela surge viva e se renova na medida em que eu também vou me transformando. Na época, essa minha repetida imagem na mesma posição em diferentes cenários surgia em minha mente sem controle e eu precisava fotografá-la.

Abordava, então, o que vinha de dentro, sensações que as palavras não conseguiam abarcar. Nisto, encontrei uma possibilidade de dar forma a algo que era e é tão pesado para mim. Esta série de quatro imagens, vela e revela muito. A natureza infinita, o corpo quase milimetricamente na mesma posição, o olhar que teme e procura ser acolhido. Eu, ainda menina, denunciava na mistura do sublime todos os medos dos ocorridos, do ser mulher.

1.2 PER(curso)

O autorretrato e as temáticas do corpo, mulher e violência, acabaram por surgir novamente ao longo do curso. Inicialmente de maneira tímida e, aos poucos, se potencializando na medida em que me sensibilizei aos processos e passei a reconhecê-los como essenciais a minha formação.

Nesse sentido, na busca destes trabalhos percebi o feminino surgindo como elemento de destaque, como nesta xilogravura (figura 5) realizada em disciplina.

Figura 5



Sem título. 2017. Xilogravura. 30x40.

Fonte: Acervo pessoal.

Nela, a figura da mulher - com os cabelos sangrando a imagem - é central. A escolha de fazê-la de olhos fechados e sem boca era a tentativa de comunicar, de maneira sutil, opressões e silenciamentos vivenciados.

Avançando os anos e instigada pela necessidade de libertação do corpo, produzi, pela primeira vez dentro do curso, autorretratos que se ligavam diretamente aos atravessamentos que vivia. Um período muito importante de desconstruções e abertura à conexão com meu corpo, em que percebi o poder que sobre ele eu exercia. Um momento de compreensão sob as amarras de relacionamentos e as possessividades geradas por estes. A indignação desse reconhecimento e a vontade de libertação se materializou de maneira potente nessas imagens que ainda hoje atravessam muito minha produção.

Figura 6, 7, 8



Sem título. 2017. Fotografia Digital. 30x40.

Fonte: Acervo pessoal.

1.3 RE(velar)

Já na disciplina de Corpo e Expressão, a imersão consciente no processo criativo se deu a partir do estímulo da produção através das marcas, tendo o corpo atravessado como centro. “Invenção é intervenção na existência movido por uma profunda necessidade. É construir uma ‘câmera de ecos’, que ressoe o vivo e você junto. Inventar não é colorir o mundo, mas corar-se de mundos.” (PRECIOSA, 2010, p.7).

Figuras 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17



Sem título. 2017. Fotografia Digital. 30x40.

Fonte: Acervo pessoal.

Nesta disciplina os provocamentos se davam com intuito de reconhecer marcas ainda vivas, estas, que dialogavam sobre a relação do corpo e seus encontros com o mundo. Cartografando o que ainda era vivo e movendo a partir disso uma produção em qualquer linguagem.

A partir dessa busca, tive a necessidade de produzir algo que denunciasse uma violência física, sexual, infantil. A mesma que tentava aparecer, de uma forma totalmente diferente, no primeiro trabalho mencionado neste memorial.

1.4 RE(conhecer)

Na busca pelas marcas que ainda reverberavam em meu corpo, pude visualizar minha conexão com a violência, corpo e feminino atravessados pela memória. Os autorretratos – linguagem que aproprio como parte de mim – são resultado de marcas que de tão vivas, não cabem apenas no corpo, eles dão forma àquilo que me atormenta e transbordam na necessidade de expressão. Reconhecer isto, fomentou minha produção e transformou este trabalho de conclusão de curso não só em um reconhecimento de potências criativas, mas também, de voz.

O trabalho intitulado “Afeto Obrigatório” passou por diferentes formas de representação imagética antes de chegar ao seu resultado final, e isso foi possibilitado pela liberdade do processo em se ajustar a partir do que realmente é convocado, em uma busca de desligar as explicações e se atentar aos signos essenciais à *marca* – termo que será explorado mais a frente – e não a um ideal visual.

Após apresentar alguns trabalhos já realizados, falarei sobre o meio, as marcas e o cartógrafo no intuito de destrinchar as profundidades do processo que me propus viver. Compartilharei mais sobre artistas que possuem produções que muito me atravessam, e por fim, tentarei abranger os percursos das orientações que se deram a partir de muitas conversas, profundidades e sensibilidade até que o trabalho ganhasse vida através das fotografias.

2 O MEIO, AS MARCAS E O CARTÓGRAFO

O desafio da produção iniciou-se na tentativa de “brotar pelo meio”, aproprio da fala de Rosane Preciosa (2010) para explorar um processo de criação que se expõe aos encontros com mundo da maneira mais sensível possível, vivendo um corpo que não teme os medos, mas os abraça com a total certeza de enriquecer-se e gerar potências.

Brotar pelo meio é opor-se a um destino que progride em direção a algo, é acariciar riscos, acumular êxitos e retumbantes fracassos, é se infiltrar por alguma vizinhança, fazendo conexões, é povoar o cotidiano de incertezas, é recolher-se numa tenda de silêncios, num gesto de delicadeza diante do que está a se formar e maturar diante de si. É fazer vingar um sujeito, cuja pupila arquiva imagens de fora, recusando-se a fazelas coincidir consigo mesmo. É aprender a avançar com a fatal coragem de não saber o que esperar dos encontros. É desembarcar em terra firme, aos berros, sem saber no que isso vai dar, apenas dobrando-se aos imponderáveis da existência. (PRECIOSA, 2010, p.3)

busquei visitar e me abrir as marcas mais vivas que em mim existiam, “procurei construir um abrigo existencial fluido, um espaço hospitaleiro aos meus estranhamentos” (PRECIOSA, 2010, p.4). Me utilizei do conceito de marca de Suely Rolnik em seu texto *Pensamento Corpo e Devir* em que “as marcas são os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro.” (ROLNIK, 1993, p. 5) em que estes encontros, não se dão apenas com outros humanos, mas são também espaciais e em planos invisíveis, que podem ou não – dependendo de sua potência – criar em nós estados inéditos, estranhos a nossa atual consistência subjetiva.

Estes estados, podem ser reativados em “ambientes onde encontram ressonância” (ROLNIK, 1993), assim, a marca se atualiza a partir de seu novo meio, transformando-se em um novo estado potente de criação.

Para buscar estas marcas é necessário abrir-se ao sensível e se colocar frente ao mundo como um *cartógrafo*, termo também utilizado por Rolnik em seu livro *Cartografia Sentimental* (1989), de modo que este teria o objetivo de “descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos” (ROLNIK, 1989, p.67), sem intenções de entender algo ou alguma coisa, mas com o objetivo de “mergulhar nas geografias dos afetos”. Sem distinção de forma, o cartógrafo busca aquilo que incita seu desejo, o que é vivo, o que provoca, “tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo” (ROLNIK, 1989, p.66) e aqui, para mim, seria a busca daquilo que geraria a necessidade de produção.

Na busca de encontrar esta marca, permeei vários encontros e percebi “espaços que me fisgam pelo estranhamento” (PRECIOSA, 2010). Após mergulhar vez ou outra em alguns outros encontros que não ressonavam tanto assim, pude reconhecer uma marca viva que se ressignificava diariamente a partir dos encontros que eu vivia, e ainda vivo. Esta foi norteadora para produção deste trabalho e apresenta-la é parte do desafio desse texto.

Primeiro, é preciso compreender que percebê-la se deu em um longo processo de conversas e orientações, em que vez ou outra o corpo emergia sem autorização e era necessário mais uma vez mergulhar em camadas para encontrar este *meio*. A memória gatilho que se relaciona a esta *marca* está muito ligada a infância, família, violência e corpo, tudo isso atrelado ao intrínseco: ser mulher.

2.1 ANA MENDIETA

No percurso vi necessário lembrar, também, de artistas que se vinculam ao meu processo, não por filiação, mas por aliança. Isso porque, suas produções atravessam a mim e também o meu trabalho.

Assim, Ana Mendieta (1948), artista cubana da década de 70 não poderia ser mais potente. Ela discute em performances, fotografias e esculturas as violências sofridas pela mulher, denunciando-as por vezes de maneira bruta. Possui também muitos trabalhos que se relacionam a natureza e dialogam com questões de territorialidade.

Mendieta possui uma performance nomeada Rape Scene de 1973, criada após o estupro e assassinato de uma mulher estudante da Faculdade de Iowa (mesma de Mendieta), por outro aluno desta universidade. Neste trabalho a artista convida estudantes da universidade para seu apartamento e lá realiza a performance em que simula o abuso sexual. Destruindo a cena criada e se sujando com sangue, a artista se coloca debruçada sob uma mesa, ensanguentada, e fica por uma hora nessa posição.

Figura 18: Rape Scene.



Fonte: ARTFORUM, Janeiro (2018) Vol. 56, Nº5.

Outro trabalho desta mesma artista é a série de cerca de 200 fotografias intitulada Silueta (1973-78), nessas imagens a artista cria sua silhueta a partir de elementos da natureza, a obra sensível aponta uma efemeridade das formas e dialoga diretamente com sua vida:

Eu tenho criado um diálogo entre a paisagem e o corpo feminino (baseado em minha própria silhueta). Acredito que tenha sido resultado direto de ter sido arruinada da minha pátria (Cuba) durante minha adolescência. Sou sobrecarregada do sentimento de ser expulsa desde o ventre (da natureza) para a luta. Minha arte é a maneira que eu reestabeleço os laços que me unem ao universo. É o retorno à fonte materna. Através das esculturas do corpo, eu me torno um com a Terra. Eu me torno extensão da natureza e a natureza se torna uma extensão do meu corpo. (MENDIETA, 1981, apud SILVA; BONILHA, 2018, p.10)

Figuras 19 e 20: Silueta Series.



Fonte: Curiator, Ana Mendieta.

Figura 21: Silueta Series.



Fonte: Acervo Guggenheim Collection.

Toda sua produção foi desenvolvida a partir de acontecimentos de sua vida, sua obra praticamente autobiográfica, possui uma alta força de vibração, não só por tratar de questões

que afligiam o período em que vivia, mas por possuir temáticas que assombram nossa sociedade até os dias de hoje.

A exposição do corpo como objeto sexual, denúncias de violência contra mulher que são ignoradas, adicionadas a falta de indignação das pessoas em relação a isso, pressão estética e falta de pertencimento são algumas questões que permeiam sua produção. Tudo isso, ligado a suas experiências e trajetória se somam em um trabalho que atravessa diretamente aquilo que produz. São processos que envolvem memórias atreladas ao meio e a ressignificação destes no agora que resultam em produções sensíveis, expressadas através do corpo.

2.2 CRISTINA SALGADO

Cristina Salgado (1957), artista brasileira do Rio de Janeiro tem sua produção em desenho e escultura, sua obra discute o corpo em trabalhos que o partem, atravessam, quebram e o dividem. A artista se interessa em problematizar padrões de beleza produzindo obras que conflitam a identidade feminina. Também trata da temática da violência em esculturas nas quais utiliza ferro e bonecas como signos essenciais.

Em sua série Meninas (1993), de esculturas de ferro fundido em formato de bonecas infantis, ela cria uma ambiguidade entre as formas. O corpo da boneca, originalmente tão macio e inocente se transforma quando seu material é trocado pelo ferro, sendo fragmentada e torcida a partir de um eixo vertical que a desarticula totalmente, ou então, atravessada e partida violentamente por outro material. Existe ai um conflito visual, a forma leve e inocente agora ganha peso, imobilidade e uma brutalidade que inicialmente não seriam encontrados nesse brinquedo.

Figura 22, 23 e 24: Meninas



Fonte: cristinasalgado.com

Em outra série, intitulada “Nuas” (1999) a artista se utiliza de elementos que remetem a sensualidade feminina e os fundem em ferros que desarticulam essa noção. Os corpos amorfos surgem como uma crítica aos padrões estéticos e funcionam como enunciados de embate as identidades impostas femininas e o conflito gerado na tentativa de encaixe nesses padrões.

Figura 25, 26 e 27: Nuas.



Fonte: cristinasalgado.com

A forma com que a artista consegue se apropriar de certos signos e manipulá-los para trazer os questionamentos desejados é bastante pertinente, ela encontra maneiras de tirá-los de contexto e potencializá-los ao estranhar o expectador com as formas. A maneira que a artista ficciona suas intenções através de figuras comuns atravessa muito meus desejos de produção,

que quando ligados a memórias e marcas, tendem a encontrar signos familiares e transformá-los em centrais a criação.

3 DO PROCESSO À EXPOSIÇÃO

Compreendendo o processo de criação através das marcas, tentei fazer o reconhecimento daquelas que ainda se encontravam vivas e que me convocariam a produzir este trabalho. Cartografar esta marca foi um processo paulatino, de paciência e muito atento as convocações do corpo. É desafiador deixar-se levar e “azucrinar o ego e seu pegajoso cortejo de arrogâncias” (PRECIOSA, 2010, p. 9), e não se perder no mundo tranquilo das ideias e explicações em que o corpo insiste em emergir vez ou outra. “Possuir um corpo entranhado num espaço, aceitando o jogo de dismantelar-se, exige muito” (PRECIOSA, 2010, p. 1).

E neste processo, acabei por me encontrar mais uma vez com uma marca gerada por uma memória de abuso infantil, esta, que apareceu vez ou outra em outros trabalhos, foi reativada ao ser estimulada por encontros atuais. É importante dizer que marca não é memória, e se é, é de outra espécie “uma memória do invisível feita não de fatos” (ROLNIK, 1993) mas dos atravessamentos aos quais estamos sujeitos. E que a produção não é sobre uma lembrança difícil, mas sim, sobre o reconhecimento de uma marca que ainda vive a ponto de ressurgir e ser transformada em potência de produção.

Sempre tentando fugir da “subjetividade de prontidão” (PRECIOSA, 2010) me deixei permear pelo dia-a-dia e percebi que a infância, corpo e família são partes de mim que quando colocadas sob olhar sensível geram movimentos em meu corpo. A partir das vivências cotidianas pude perceber que esta tinha um sentido atual de cansaço e entendi que reverbera em todos os aspectos da minha vida, muitas vezes de maneira negativa e por possuir tanta força, não posso simplesmente deixá-la ou ignorá-la.

A partir disso, as sensações foram surgindo, pouco a pouco, até se transformarem em um desejo de produção de imagem. Propus-me abordar esta marca – que não poderia ser apagada – através da aceitação da convivência, da maneira mais confortável possível, mas nunca totalmente pacificada, e sim, sempre atordoada pelo meio.

Em um primeiro momento aconteceu a descoberta do signo que surgiria mais uma vez para compor esta produção. Nas primeiras fotografias surgiu como apoio de um cansaço interminável, em que o corpo que se debruçava sobre a boneca, desistia e as vezes se comparava a ela, que se tornava, agora, o símbolo desta dor. A escolha do objeto acontece a partir de um

vínculo existente através da memória, e que se relaciona diretamente com a marca. As bonecas, apesar de idênticas, não foram compradas juntas, uma era da minha mãe quando mais jovem e a outra, um presente que ganhei quando criança.

Figuras 28, 29 e 30



Estudos fotográficos. Fotografia Digital.

Fonte: Acervo pessoal

Nestas imagens reconheci uma intenção do corpo em se acomodar de alguma maneira e mesmo com o evidente cansaço, se encaixar a este signo buscando um conforto que não se encontra. Discutindo essas imagens foi possível perceber a busca por lugares de acolhimento, em que o descanso fosse possível, e então, surgiu a necessidade de buscar lugares em que eu sentiria esse conforto, quase impossível quando se trata desta marca.

Pensando nisto, apareceu como lugares de afetividade quartos, meu e de pessoas com quem tenho relações próximas o suficiente para encontrar ninhos de conforto, lugares em que esta marca não parecesse tão desconfortável de se conviver.

Figuras 31 e 32



Estudos fotográficos. Fotografia Digital.

Fonte: Acervo pessoal

Observando e discutindo as imagens, percebi meu corpo em descanso, em uma busca de se encaixar e encontrar qualquer conforto possível. Também notei o excesso de informação dessas imagens, de modo que os vários objetos que compõem a cena saltam aos olhos e criam dificuldades na leitura. E neste processo, acabei por entender que não gostaria de abordar apenas o cansaço.

Essa marca vive e recebe vários sentidos em pequenos espaços de tempo, sendo o cansaço apenas uma consequência da inconstância dela, que se potencializa – de diferentes maneiras – a partir dos encontros que ocorrem diariamente. A exaustão por vezes se transmuta em peso, distanciamento, acolhimento e até afeto. Assim, iniciei uma nova busca de como reduzir os signos, colocar o conforto no limite do possível e com todas as nuances decorrentes que geravam esse cansaço emocional e físico, sem criar uma imagem tão pessoal e crua. Nesta etapa, entendi a necessidade de ficcionar tais intenções, tirando-as de seu ambiente “natural” e transformando-as em imagens que possibilitassem uma relação de diálogo com o expectador, estando disponíveis também a outros atravessamentos.

Então a natureza apareceu como um signo possível. Por ser um ambiente que poderia remeter a segurança e tranquilidade, mas que também - a partir da criação de um cenário com aparência infinita, quase sem saída – suportaria sensações opostas, de “não segurança”. Esta ambiguidade foi buscada no desenvolvimento da primeira sessão destas fotos.

Quando a natureza surgiu como local sedizador das imagens, logo percebi a necessidade de retornar para a primeira floresta em que me fotografei. Coincidência ou não, a chamada “Floresta dos Lobos” foi o primeiro local que abrigou meus conflitos em uma imagem, e muitos anos depois, oferece morada a esta mesma marca, que agora é ressignificada nesse trabalho.

Figuras 33, 34, 35 e 36



Fotografia Digital. Fonte: Acervo pessoal.

Observa-se assim, o corpo que se coloca as vezes perto e as vezes longe da boneca, que se encaixa a ela. O conforto sempre no limiar do possível, a relação com a natureza que parece acolhedora, mas não acolhe. O corpo tenta se encaixar como pode e ao buscar se colocar como parte da natureza, cria diálogos não tão fáceis com a boneca, esta que quase sempre encara o expectador. Nesta primeira sessão, reconheci algumas nuances, como o peso, o afastamento, o afeto, a entrega e a exaustão, vi o corpo que tenta ir em outro sentido, mas não vai, não consegue.

O corpo que se entranha e se dependura em um desconforto gigantesco, mas que vez ou outra encontra um pouco de descanso, seja em sua natureza, seja na própria marca. O corpo que se apoia na boneca e a boneca que se apoia em galhos tão finos, na iminência de se quebrarem, um apoio sempre inseguro, em uma marca que constrói novos sentidos a cada dia. O corpo que nunca consegue cobrir por inteiro esta marca.

Então, percebendo a potência dessas imagens, busquei explorar mais minha relação com esses elementos, realizei mais três sessões em que procurava cartografar essas diferentes nuances.

Figuras 37, 38, 39 e 40



Fotografia Digital. Fonte: Acervo pessoal.

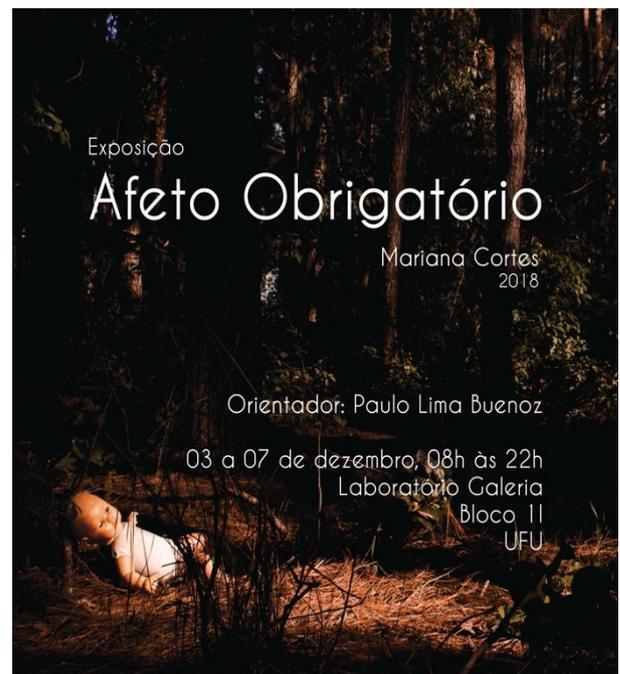
Todas essas sessões foram acompanhadas de orientações em que houve o espaço para discutir as imagens e reconhecer suas potências afim de relaciona-las com as nuances que pude perceber ao longo das conversas e encontra-las nesses autorretratos. Um processo denso de me deixar permear por essa natureza e me despir para me relacionar com ela e a boneca criou um misto de sensações que só uma marca tão pesada poderia causar.

Entendendo depois, que já havia imagens suficientes a suprir o desejo de criação gerado pelo processo, selecionei aquelas que individualmente apresentavam uma intenção única em relação aos signos escolhidos, foram 15 imagens selecionadas para edição. O tratamento das imagens tentou apenas ressaltar os corpos – meu e da boneca – e criar um ambiente mais dramatizado pelos contrastes e pela natureza infinita, que poucas vezes se abre para o céu.

O título da exposição, “Afeto Obrigatório” foi a última criação, capaz de finalizar as escolhas do trabalho, este, buscou tratar desse relacionamento – com a marca e memória – imposto, por vir de um ambiente familiar, em que a afetividade supostamente vem com naturalidade, e se não, existe um estranhamento.

As 15 fotografias foram impressas no tamanho 45x30 e colocadas sob suporte de um *foam board* branco. A exposição aconteceu no Laboratório Galeria do bloco II da Universidade Federal de Uberlândia, de 03 a 07 de dezembro de 2018.

Figuras 41, 42 e 43



Fonte: Acervo pessoal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomo essa experiência de Trabalho de Conclusão de Curso como um percurso de reconhecimento e aprendizado, um momento de identificar minhas potências de criação e como encontra-las.

Todo esse processo se deu através de muita conversa e sensibilidade, sendo ainda desafiador comentá-lo sem perder as sutilezas que o transformaram em um trabalho tão forte para mim. Tentei elucidar – sem necessariamente explicar – todos os mergulhos e cartografias de profundidade que aconteceram antes, durante e depois de todas as orientações.

Pude notar a importância de compreender o processo como essencial a produção, e entendi o quanto essa percepção é capaz de fortalecer um trabalho. Quando se coloca o sensível à frente em uma busca de cartografar potências, é possível produzir diálogos não só com os atravessamentos próprios, mas melhor, expandi-los para o outro a fim de fazer a arte ser um meio de comunicação que aponte as inquietudes que nos colocam como ser no mundo, propondo reflexões acerca dos desafios cotidianos, já tão atordoados pelo cenário político atual, pelo exagero de imagens e sabotado pelas mídias.

Esta ideia de processo de criação repousa em uma desconstrução e vivência cotidiana que transborda a universidade e sempre foi pouco abordado ao longo do curso. Quando atravessada por ela, pude compreender melhor meu lugar como artista e o que eu desejava produzir. O corpo, quando anseia expressar aquilo que não cabe mais em si, busca a técnica necessária, e não o contrário. Assim, também é possível navegar por outras linguagens.

Agora, busco me entranhar cada vez mais ao processo de criação e transformá-lo em objeto central do que anseio em compartilhar. É um exercício que demanda tempo e disposição, mas que transforma o olhar sob a arte, o mundo e seus encontros. Desejo viver e sempre colocar o corpo como protagonista, afinal “o corpo é mesmo um utensílio caprichoso, é preciso estranhá-lo para desentranhar sua poesia.” (PRECIOSA, 2010, p.4)

5 EXPOSIÇÃO “AFETO OBRIGATÓRIO”

Figura 44



Fonte: Acervo pessoal

Figura 45



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 46



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 47



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 48



Fonte: Acervo pessoal

Figura 49



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 50



Fonte: Acervo pessoal

Figura 51



Fonte: Acervo pessoal

Figura 52



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 53



Fonte: Acervo pessoal

Figura 54



Fonte: Acervo pessoal

Figura 55



Fonte: Acervo pessoal

Figura 56



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 57



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 58



Fonte: Acervo pessoal.

BIBLIOGRAFIA

DUNKER, Z. **Art Talk with Zackary Drucker**: entrevista para o site do Incentivo Nacional às Artes dos Estados Unidos. Jun de 2016. Disponível em: <<http://www.arts.gov/art-works-2016-art-talk-zachary-drucker>> Acesso em: nov. 2018.

PRECIOSA, R. **Rumores discretos da subjetividade**: Sujeito e Escritura em Processo. 1. ed. SULINA - UFRGS, 2010.

ROLNIK, S. **CARTOGRAFIA SENTIMENTAL**. Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Editora Clube do Livro Ltda., 2009

ROLNIK, S. **Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico**. Revista Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2. PUC/SP: São Paulo, set/fev 1993, pp. 241-251.

SATURNINO, L. **DRAMATIZAÇÃO DOS CORPOS**: Arte contemporânea de mulheres no Brasil e na Argentina. Campinas, 2013

SILVA, I. R.; BONILHA, C. L. **PROVOCAÇÕES DE ANA MENDIETA: O CORPO E A NATUREZA COMO OBJETOS DE ARTE**. Revista Seminário de História da Arte VOLUME 01, Nº 07, 2018.